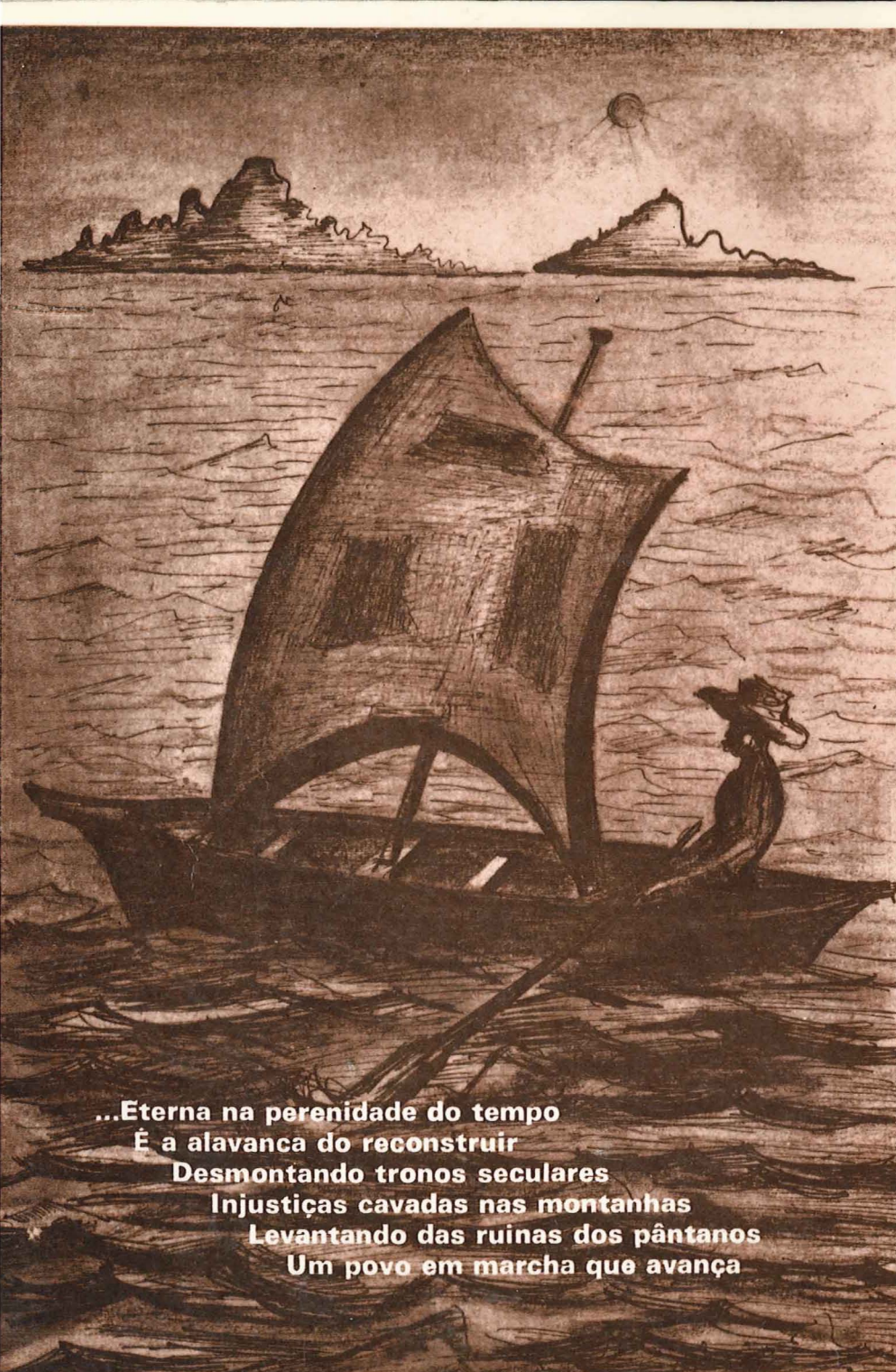




...Eterna na perenidade do tempo  
É a alavanca do reconstruir  
Desmontando tronos seculares  
Injustiças cavadas nas montanhas  
Levantando das ruínas dos pântanos  
Um povo em marcha que avança

ALDA  
ESPÍRITO  
SANTO

É NOSSO O SOLO SAGRADO DA TERRA POESIA de protesto e luta

Ulmeiro



ALDA ESPÍRITO SANTO

# É NOSSO O SOLO SAGRADO DA TERRA

POESIA de protesto e luta

Ulmeiro - Colecção Vozes das Ilhas N.º 1



ALDA ESPÍRITO SANTO



**É NOSSO O SOLO SAGRADO DA TERRA**

COLECÇÃO VOZES DAS ILHAS

© ALDA ESPÍRITO SANTO e ULMEIRO

1.ª Edição — Agosto / 78

Edição de José A. Ribeiro

Composto e impresso:

Tipografia Garcia & Carvalho, Lda.

Rua St.º António da Glória, 90 — Lisboa

Distribuição:

ULMEIRO

Av. do Uruguai, 13-A

Lisboa - 4

Tel. 70 75 44

Independência total  
Glorioso canto do povo  
Independência total  
Hino sagrado de combate

Dinamismo

Na luta nacional,

Juramento eterno

No país soberano de S. Tomé e Príncipe

## I

Guerrilheiro da guerra sem armas na mão  
Chama viva na alma do povo  
Congregando os filhos das ilhas  
Em redor da Pátria Imortal

## II

Independência total, total e completa  
Construindo no progresso e na paz  
A nação mais ditosa da Terra  
Com os braços heróicos do povo

Independência total  
Glorioso canto do povo  
Independência total  
Hino sagrado de combate

### III

Trabalhando, lutando, lutando e vencendo  
Caminhamos a passos gigantes  
Na cruzada dos povos africanos  
Hasteando a bandeira nacional

### IV

Voz do povo, presente, presente em conjunto  
Vibra rijo no coro da esperança  
Ser herói na hora do perigo  
Ser herói no ressurgir do País

### V

Independência total  
Glorioso canto do povo  
Independência total  
Hino sagrado de combate  
Dinamismo  
Na luta nacional  
Juramento eterno  
No país soberano de S. Tomé e Príncipe

*HINO NACIONAL DA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA  
DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE*

### PREFÁCIO



Um povo em marcha, que avança, no «Solo sagrado da terra», realizou uma etapa vitoriosa da missão histórica, que determinou o processo de desenvolvimento revolucionário das forças produtivas que culminou com o triunfo da conquista da INDEPENDÊNCIA NACIONAL.

O contexto determinante da presença no mundo, em luta contra o padrão colonial de exploração capitalista, feroz e ultrapassado nos seus métodos, uniu os povos africanos dominados pela potência colonial portuguesa, numa frente de luta conjunta no eclodir das primeiras independências dos povos africanos subjugados pelas outras potências do Ocidente. Esse contexto determinou o compromisso dos povos africanos dessa região do continente, que encetaram a «Grande Marcha» liderada pelos movimentos nacionalistas de cada um desses países, decididos a varrerem o colonialismo do solo pátrio e a abolirem duma vez para sempre a exploração do homem pelo homem. Prestando homenagem ao grande líder do PAIGC, Camarada Amílcar Cabral, não resistimos a transcrever o significado dessa batalha dura pela libertação do homem: *«A luta dos povos pela libertação*

*nacional e pela independência, contra a dominação imperialista tornou-se uma força imensa do progresso da humanidade, constituindo sem dúvida nenhuma, uma das características essenciais da história do nosso tempo.»*<sup>1</sup>

O Solo sagrado da Terra é uma contribuição da identidade socio-política e cultural do país insular «na encruzilhada das rotas atlânticas», ao processo imparável da humanidade no sentido de romper as contradições que situam os povos no combate sem tréguas para se situarem «no mesmo lado da canoa».

Identidade cultural, compromisso com a luta dos povos oprimidos do mundo, testemunho e militância no continente africano, luta e acção mobilizante na epopeia sangrenta de cinco séculos de estagnação, esta colectânea de poemas surge das raízes da terra, identificada com o processo da luta.

... «Milhas marinhas ao longo do continente africano» constitui o prólogo que se apresenta como a geografia humana que identifica o país de Amador, país insular, a 300 milhas do continente, entreposto de escravos no século XVI, os porões da morte gritam, no silêncio das águas marinhas, a história das galeras vomitando homens bestas, nas ilhas confinadas, onde o marulhar das águas era testemunha dramática dos negros empilhados em navios negreiros, fardos armazenados em demanda do porto, do mercado — tráfico.

«Fantasmas da rota atlântica», símbolo, tradução do ignóbil comércio de escravos, que rumando às Américas escreveu a longa odisseia dos homens «que construíram mundos maravilhosos do outro lado do Continente» (Agostinho Neto, in *Sagrada Esperança*).

<sup>1</sup> Amílcar Cabral in *A arma da teoria*.

O ciclo áureo da cana sacarina, que coincide com o período escravo nos engenhos das roças, declina em meados do século XVIII com a resistência persistente de trezentos anos, (Guerra do Mato), forçando o colono a demandar nova via de exploração nos «museus diluídos na leva para o Brasil» (as ruínas dos antigos engenhos).

A fauna marítima ecoando no simbolismo da poesia, interpretando a exploração do homem pelo homem, em luta com as forças da natureza e contra a dominação, tem necessidade de recriar essa linguagem variada, nos anos duros da repressão fascista:

*«Tubarões sugadores de negros escravos  
... Nos porões da morte dos donos do ocidente  
Navios negreiros, fantasmas da rota atlântica*

A abolição da escravatura em 1853 abala a agricultura colonial no seu auge e os escravos libertos, os forros, não correspondem à necessidade de lucros fabulosos e a emigração clandestina de escravos do continente salva a economia dos ocupantes da terra. Escravos ilhéus precisam de poisio ... e a metrópole colonial é pródiga e magnânima, na utilização de métodos distorcidos na continuação do processo da ignomínia.

Coincidente com a carta de alforria, a resistência consolida-se entre os santomenses contra o trabalho escravo da roça — «contrato».

No dealbar do século XX (1906), Henry Nevinson na obra *Uma nova escravatura* denuncia o ignóbil trabalho escravo nas roças de S. Tomé e Príncipe, onde o cacau e o café atingem cifras consideráveis. Os nossos irmãos de Angola e Moçambique e mais tarde de Cabo Verde sofre-



ram anos de aviltamento no inferno das roças das grandes Companhias Coloniais, com sede nas suas metrópoles.

As denúncias constantes apresentadas ao mundo por Basil Davidson e outros jornalistas determinaram as sanções exigidas contra Portugal pela opinião pública internacional. Mas a escravatura não podia morrer: representaria o desmoronar do feudo. Tornava-se necessário diminuir e até extinguir a importação de mão-de-obra escrava e, nesse sentido, as rusgas sistemáticas empreendidas contra os Santomenses encontram resistência na ponta das catanas, até que a consumação dos perversos planos coloniais se consubstancia no massacre de 1953.

*Resistência santomense tem um fim*

*Não ceder ao contrato escravo das roças do cacau*

*E um massacre é resposta à resistência ...*

Conscientes de que se impunha o ressurgimento duma luta organizada, a juventude dos anos 50 toma consciência de que as reivindicações por melhoria de condições de vida, os clubes para uma pequena *élite* que presidiu à movimentação dos Santomenses, que constituíam os intelectuais do princípio do século, embora representassem um prenúncio de tomada de consciência, não visavam ainda romper com a potência dominadora.

A partir precisamente de 1953, os estudantes das colónias sob dominação portuguesa preparam-se para a luta e participam também em organizações estudantis antifascistas, cerrando fileiras na frente da luta clandestina.

Em 1960, surge o *movimento de libertação nacional* que iria conduzir o povo de S. Tomé e Príncipe à autodeterminação e independência nacional. O Comité de Libertação de

S. Tomé e Príncipe, após um Congresso realizado em Santa Isabel, em 1972, saía revigorado e com novas directrizes mais dinâmicas, transformando-se em *Movimento de Libertação de S. Tomé e Príncipe* (MLSTP).

As condições geográficas das ilhas não permitiam o eclodir de uma luta armada de libertação, mas a consciência nacionalista uniu os Santomenses numa luta de resistência clandestina que se generalizou com o 25 de Abril, em Portugal. Uma luta mobilizadora eclodiu vitoriosamente, alcançando todos os pontos do país, reunindo os nacionalistas em torno da vanguarda do povo. Os trâmites que iriam conduzir à independência foram assinados em Argel a 26 de Novembro de 1974 pelos representantes do MLSTP e pelos representantes do governo português.

A 12 de Julho de 1975 era proclamada a INDEPENDÊNCIA NACIONAL. Quinhentos e quatro anos de dominação, dura e implacável, caía por terra. As vítimas da dominação sacrificaram com o sangue das suas vidas o preço da independência. Amador representa o marco da luta do povo, iniciada em 1530, tendo a duração de quase quatro séculos e meio. Mortes, exílio, prisões, sevícias constituíram uma sementeira trágica de sofrimentos e violações.

As últimas balas coloniais crivaram o corpo de Giovani, um militante atingido à hora do meio-dia na via pública a 6 de Setembro de 1974 — mais uma data histórica que determinou o processo irreversível do nosso país.

*As últimas balas coloniais descarregaram toda uma*

*[epopeia sangrenta]*

*No corpo de Giovani estirado na via pública*

*As últimas balas à hora do meio-dia*

*Badaladas decisivas no relógio da Revolução ...*



A dimensão do país constituía motivo de incredulidade na imprensa do grande mundo, mas o povo da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, oitenta dias após a proclamação da Independência, nacionalizava em democracia directa todas as grandes companhias agrícolas coloniais. Noventa por cento da terra foi nacionalizado no histórico dia 30 de Setembro de 1975. Estava iniciada nova frente de luta: a Batalha pela Independência Económica.

Regado pelo sangue dos nossos mártires «**Ê NOSSO O SOLO SAGRADO DA TERRA**».

\* \* \*

No ardor da luta pela libertação nacional «Independência total» (*Independencha totali*) era a palavra de ordem vibrante de boca em boca, nos lábios de homens, mulheres e crianças.

«Independência total» mobilizou o povo de um extremo a outro do país.

Independência total, braços erguidos, nos comícios, nas manifestações, nas greves, no impulso decisivo determinante que não admitia já o mínimo passo de recuo. «Independência total» tinha de ser o Hino Nacional, «glorioso canto do povo» que sem armas, destemidamente, travou a grande batalha política de mobilização geral. «Independência total» ergueu o povo num cordão imenso, num desafio sem tréguas às balas da Polícia Militar, nos primeiros dias de Setembro de 1974, em denúncia aberta contra uma situação insustentável que tinha os seus dias contados.

A muralha colonial começou a desmoronar-se perante um povo desarmado que não temia a morte. «Independência total», hino sagrado de combate, é o juramento eterno do país soberano de S. Tomé e Príncipe. Tinha de figurar no canto do povo, no poema da terra, banhada pelo verde mar, o mar imenso que nos cerca e nos impele para o dinamismo da luta e é o canto da nossa afirmação, no mundo dos homens, na pátria africana, no universal paradoxo da sua dimensão, presente na luta dos povos pela sua afirmação.

É a «voz do povo presente em conjunto» que prefacia a poesia que agora é apresentada, o povo insular que recebeu a lira de Costa Alegre, poeta do fim do século, marcado por um contexto de homem isolado num horizonte marginal que lhe não permitia superar a sua limitação de colonizado, condensada na problemática da sua cor. Seu drama psicológico não atingiu as profundas desigualdades das contradições socio-económicas do sistema colonial implantado no seu país de origem.

Marcelo Veiga, Francisco José Tenreiro, Maria Manuela Margarido, Tomaz Medeiros, poetas do passado e do presente escreveram as páginas da literatura poética de S. Tomé e Príncipe, processo histórico e cultural, contribuição ao património nacional.

O Solo sagrado da terra, dignificado na pátria independente, testemunha esta jornada de luta, árdua e violenta, mas incentivada por uma forte aurora de esperança. A jornada avizinhava-se dura e sangrenta ... e a ditadura salazarista, fascista e implacável, era pesada bota de ferro da metrópole colonial.

Os *Poemas da Juventude* situam-se no período dos anos 1942-1952 no momento em que «um longo canto de punhos



cerrados» era a resposta pertinente ao apelo da *Grande Marcha*, que os estudantes das colónias portuguesas, em diálogo com a identidade cultural africana, dimensionavam os passos para as escaladas da tomada de consciência contra um processo de submissão dos povos africanos.

«O canto angustiado do ossobó» é desesperança e incerteza, mas prenúncio de uma longa senda de combate dos povos africanos que conheceram o sistema de exploração escrava, amontoados nos porões dos navios que das terras de Angola e Moçambique enriqueciam o cacau colono nos feudos de S. Tomé e Príncipe. Era a tortura dos homens negros acorrentados uns aos outros que capinavam as cidades na dor e na passividade aparente. O longo canto de punhos cerrados era a promessa da juventude ao povo identificado que daria uma resposta exacta aos tubarões dos mares, os donos do capital, toda uma corrente de dominação, aniquilando homens, mulheres e crianças que desenraizados das suas terras de origem eram fixados no chão de uma roça, «Estado dentro doutro Estado», torturados durante longos e penosos anos, não tendo o direito de procurar outro domicílio. Os seus descendentes, pertença da senzala colonial em reservas de extermínio, colocados em *apartheid* em relação às populações locais, o fermento da divisão era instilado segundo os métodos dum hermetismo sombrio e calculado.

*As florestas virgens ... famintas de irradiação humana ...  
desertos humanos ... nas ilhas perdidas ... na conjuntura  
dos séculos, exigem o tombar do fardo da longa noite  
colonial.*

O mundo da criança africana, temática de asfixia cultural no muro de pedras da alienação colonial expressa o drama latente, traduzido no impasse-esperança duma men-

sagem que havia de ultrapassar os anos da juventude, na realização concreta dos objectivos da luta.

*Criança do meu país sem fronteiras ...  
... Gerada de milhares de ventres  
... Que esta mensagem de vida  
... Abra as lanternas  
dos teus olhos apagados  
Na projecção das nossas estradas  
varridas das impurezas dos dejectos inúteis.*

Na luta da fome da gente pequena, a mamã africana ressalta na infância dos poetas que atravessaram os íngremes caminhos da meninice, testemunhando a dupla colonização da mamã negra jungida à canga da desintegração social

*Mamã tua menino  
na luta da vida  
Gamã pixi à cabeça  
Na faina do dia ...  
... Pela luta da fome  
da gente pequena*

No litoral do país, mais precisamente as povoações na orla da praia foram desapossadas da terra e encurraladas à limitação da cabana fronteiriça ao mar. Espoliados e reprimidos, os angolares na faina do mar constituíram parte da população mais terrivelmente marginalizada que o colonialismo vinculou a uma barreira de separatismo em

relação aos demais povoados, no propósito de dividir para reinar. Entretanto, procuravam ignorar que o processo de libertação dos povos é irreversível e que as desigualdades sociais tomariam progressivamente à medida que as contradições fossem superadas

*Canoa frágil à beira da praia*

*... Na orla dos coqueiros*

*... O mar é vida*

*.... Para além as terras do cacau*

*Nada dizem ao angular*

*... a luta com o gandú*

*as canoas baloiçando no mar*

*... E a orla imensa da praia*

Os poemas da juventude correspondem ao momento da reflexão, ao registo dos documentos de um sistema, que teria de ser abalado nos seus alicerces, à revolta que se foi acumulando para estuar em processo organizado, nos longos anos em que se ia ganhando consciência de que a nossa geração seria a geração dos sacrificados, para que os filhos do futuro entoassem o Hino Nacional na pátria libertada.

## POEMA MENSAGEM

No terreno da luta, os companheiros da estrada agarraram em suas mãos os problemas sociais da dominação e ganharam consciência de que um homem isolado, é um homem lançado ao mar. O primeiro grito de mobilização é uma mensagem, um reconhecimento de companheiros, que tomam consciência de que há uma batalha conjunta a travar. É o momento de comunicação, de desmistificação por entre os serranhos que os aprisionam. Os cânticos de revolta incarnam a linguagem ritual das tradições seculares e jorram na mensagem da unidade identificada na causa comum

*«Neste lado da canoa*

*Também estou contigo, irmão*

*... Encomendando preces, juras, maldições*

*... Mas nós queremos ainda uma coisa mais bela*

*... Queremos unir as nossas mãos milenárias*

*... Para nos situarmos todos do mesmo lado da*

*[canoa.]»*



Situando-nos todos do mesmo lado da canoa, a mulher do mundo, a mulher africana, minha irmã, parte integrante dum todo que é o ser social, uma longa marcha, mais longa ainda pelas instituições que remontam às narrações bíblicas, tem de brandir a espada pela emancipação dos povos, e, portanto, pela sua afirmação na luta pelo progresso, pelo grande passo que romperá as barreiras de todas as discriminações. A mulher africana duplamente colonizada, escrava doméstica, serva da colonização, tem uma missão secular a desempenhar na etapa da libertação.

*Não gritaremos mais os nossos cânticos dolorosos*

*... Outro canto se elevará, Irmãs*

*Por cima das nossas cabeças*

*Conquistaremos para nós*

*Para os filhos gerados no nosso ventre*

*A nossa bela terra*

*... Na hora que se avizinha ...*

Desbravando a terra africana, identificados com a luta, a bandeira vitoriosa da libertação, é braseiro ardente de rebelião, no espaço delimitado para a operação guerrilha, luta clandestina, armas em riste, segundo as condições geográficas, que esperam o grito de clarim para a acção organizada.

*«Tu, meu irmão identificado*

*... Vais erguer em rebelião ardente*

*A tua bandeira vitoriosa*

*Na grande batucada*

*... Da pátria libertada.»*

## POR ENTRE OS MUROS DA REPRESSÃO

A noite da ignorância e da insegurança definem uma situação angustiante e de incertezas.

A máquina repressiva colonial prepara todo um aparelho para abater sobre uma população indefesa. Encerrado o mercado da importação escrava por força de pressões internacionais, a mão-de-obra para o cacau escravo tinha de ser recrutada ao preço de sangue. O povo resistia.

As rusgas recrudesçam, as brigadas de trabalho forçado ganhavam mais ímpeto e o «*Centro Colonial*», que representava o colosso dos usurpadores da terra que, do Terreiro do Paço, orquestravam e decidiam dos destinos da Colónia Penal de S. Tomé e Príncipe, exigia que a autoridade colonial garantisse a mão-de-obra autóctone. O muro da repressão alastrava nos anos cinquenta e o boato, qual lavas incendiárias, levantava-se à porta do tiranizado, denunciado e atraído, através de ameaças e promessas em editais afixados nas paredes e nas árvores das povoações.

*... Boato é espada de dois gumes*

*... Boato é também complexo de culpa.*

*... Quando chegará a hora*

*De vencer o medo da escravidão*

*E a escravidão do medo?*

A hora da repressão avizinhava-se e o momento de romper o medo da escravidão começava a surgir desmascarada, na sórdida figura do governador colonial, Gorgulho, incumbido de jogar uma cartada desesperada.

## A LEGÍTIMA DEFESA

(Massacre de Fevereiro de 1953)

*Para vós carrascos*

*O perdão não tem nome*

*A justiça vai soar ...*

*Num mundo sem peias*

*Onde a liberdade é a pátria dos homens.*

Desmistificado o carrasco, a poesia é cântico de acusação do povo violentado, mil vezes trucidado

*E vós todos carrascos*

*Vós todos algozes*

*Sentados nos bancos dos réus*

*Que fizestes do meu povo? ...*

O tribunal do povo, a história do povo é um cântico de punhos cerrados contra a violência colonial. Os corpos dos homens tombados nos matos da morte não admitirão mais mártires indefesos. De pé, os heróis vivos não admitirão jamais a eliminação dos seus filhos.

Nunca mais, nunca mais terra liberta

Consentiremos o extermínio do povo soberano

«Non na cá pô chunchintxi 53 bilá bi fá»

Homens, mulheres e crianças, organizados, romperão para sempre as barreiras do medo da escravidão e da escravidão do medo «*gritando o fim da solidão da era do silêncio*».

## CELA NON VUGU

Um povo em marcha que avança, despontando na manhã radiosa de todos os campos floridos, despertou para a acção, acção clandestina, organizada, até ao momento histórico em que

*Caminha na dianteira*

*Para varrer o espectro colonial*

*Da era do crime*

*De meio milhar de séculos*

## AOS COMBATENTES DA LIBERDADE

«*Onde quer que me encontre a morte, bem-vinda seja ela, se encontrar outros ouvidos receptivos, que captem a minha voz e novos cânticos de glória se levantarão.*» Che Guevara.

Aos combatentes da liberdade, tombados pela justa luta dos povos, ou que se ergueram destemidamente como braço armado do povo em todos os continentes e particularmente no continente africano, onde páginas da cor do sangue entraram na história como documentos vivos.



Ao Camarada Amílcar Cabral, à Camarada Deolinda Rodrigues esta homenagem póstuma de solidariedade militante.

*Herói é um povo em marcha pela liberdade.*

Seis de Setembro de 1974 na nossa pátria heróica, mais um passo determinante na marcha do povo pela liberdade.

A experiência dum massacre provou que a força do povo é arma potente de combate.

*«A independência é a glória dos heróis  
No sacrifício diário do Homem vigilante  
Unido a setenta mil, massa do povo»*

Mamã Catxina representa as centenas de mulheres, que exigiram do governo colonial o reconhecimento da vanguarda do povo, o *MLSTP*, como único interlocutor válido do povo de S. Tomé e Príncipe a 19 de Setembro do ano de 1974.

*Mamã Catxina entrou na revolução  
Viva dezanove de Setembro  
Viva a marcha de protesto das mulheres  
Sacudindo o papão colonial*

*Na hora do povo em marcha*

*Não desistir*

*Não recuar*

*Não recuar uma polegada*

*Ceder*

*É a morte da vida*

*Em marcha*

*Pela liberdade*

*E as últimas balas coloniais  
Sepultaram o colonialismo  
No cadafalso do Povo*

*Mas eterna na perenidade do tempo*

*É a alavanca do reconstruir*

*Desmontando tronos seculares*

*Injustiças cavadas nas montanhas*

*Levantando das ruínas dos pântanos*

*Um povo em marcha que avança*

Um povo em marcha que avança na Reconstrução Nacional construindo com as suas próprias mãos uma sociedade nova, liberta da exploração do homem pelo homem.

O Autor

Milhas marinhas ao longo da costa africana  
 Envolvendo palmares, obós, pães de açúcar  
 Acidentadas ilhas do Amador  
 Ilhas acidentadas da Guerra do Mato  
 Terreiro da luta da resistência  
 Três séculos, guerrilhas de escravos  
 Resistentes da luta colonial  
 Etapa primeira da resistência nacional  
 Abalando os alicerces do feudo colono  
 O ciclo do Amador é o prelúdio da história do povo [gigante  
 Gigante no paradoxo dimensional da terra  
 Navios negreiros, fantasmas da rota atlântica  
 Tubarões sugadores de negros escravos empilhados  
 Nos porões da morte dos donos do ocidente  
 Engenhos de açúcar, cana sacarina  
 Museus diluídos na leva para o Brasil  
 A fonte tropical brota fértil  
 No cacau colono do grande capital  
 A África é fértil em mercado escravo



E o negro slogan é sempre a grande criança  
Das lendas europeias  
Alforria — a carta sensação —  
Liberta escravos  
Transporta escravos em mascarada confusão  
Escravos ilhéus precisam do poisio  
«E a metrópole colonial é pródiga e magnânima»  
Evolução do processo histórico  
Clama em revolta pelo fim da escravidão  
A revolta persistente faz história  
E nas décadas do século finda o poisio  
Rusgas várias são tentadas contra o forro  
E o forro riposta contra as rusgas  
Resistência Santomense tem um fim  
Não ceder ao contrato escravo das roças do cacau  
E um massacre é resposta à resistência  
Cinquenta e três é a resposta à resistência  
Mil homens tombados  
A câmara de asfixia  
As correntes e algemas  
As casas queimadas  
Marcam início da fase nova da resistência  
Navios colonos rumando pelas Ilhas  
Levam jovens emigrando conscientes.  
As lanternas dos jovens são estrelas  
Desembarcando na metrópole colonial.  
Um a um lentamente sem estrondo  
Caminhando vão para a senda do exílio  
Semeando a resistência organizada  
Na célula do povo do interior.  
A vanguarda do povo destemida  
Determina segunda fase da resistência nacional.

Movimentação cultural nascente no país  
Sinal seguro ligado ao exterior.  
Caxias e pides encurralam resistentes  
Para sustar a chama em labaredas  
Ligada à luta aberta na tribuna internacional.  
Luta surda, labareda extinta pela potência colonial  
Surge dinamizada para a independência nacional  
MLSTP vanguarda do povo  
Lanterna dinâmica na hora da luta.  
Batalha no acordo de Argel  
Libertando a Pátria  
Na data histórica de doze de Julho  
Ignorando a vanguarda do povo  
A imprensa lança vozes, lança vozes  
«Mini-estado» nadando em terras colonas  
O Capital é senhor potentado  
Oitenta dias passados  
O povo inteiro da pátria soberana  
Em directa democracia.  
Nacionaliza terras e o solo da nação  
Setembro 30 na História  
É princípio soberano  
Duma batalha económica  
Enterrando a exploração.  
Batalha da produção  
Consciência da nação  
A luta da reconstrução  
Dura batalha, consciente,  
É luta armada do povo  
Contra o jogo da exploração.  
MLSTP presente  
Conduz a força do povo

Na dura, batalha dura  
 Afogando a exploração.  
 Da ponta norte Ilhéu Bombom  
 A Ponta meridional  
 Da passagem do equador  
 Amador — MLSTP  
 Vitória da Resistência  
 Do heróico povo Santomense

## POEMAS DA JUVENTUDE

A jornada avizinha-se dura e sangrenta  
 Um longo canto de punhos cerrados  
 Será a resposta do homem aos tubarões dos mares

(VOZES DAS ILHAS)